

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

DJALMA DE ALMEIDA MELO SOBRINHO

**AS TENSÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA: OS EMBATES
TARIFÁRIOS SOBRE A CORRIDA PELO 5G NO PERÍODO TRUMP
(2017-2020)**

RECIFE
2023

DJALMA DE ALMEIDA MELO SOBRINHO

AS TENSÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA: OS EMBATES
TARIFÁRIOS SOBRE A CORRIDA PELO 5G NO PERÍODO TRUMP (2017-
2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação em
Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução
Cristã, como requisito para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais, seguindo as diretrizes em vigor da
Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), sob a
Orientação da Profa. Artemis Holmes

Banca Examinadora:

Profa. Artemis Holmes – Orientadora

Professora Doutora Joyce Cardoso

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M528t Melo Sobrinho, Djalma de Almeida.
As tensões entre Estados Unidos e China: os embates tarifários sobre a corrida pelo 5G no período Trump (2017 – 2020) / Djalma de Almeida Melo Sobrinho. – Recife, 2023.
22 f.

Orientador: Profa. Dra. Artemis Holmes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Tarifas. 2. Trump. 3. Guerra. 4. Hegemonia. 5. 5G. I. Holmes, Artemis. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2023.1-001)

AS TENSÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA: OS EMBATES TARIFÁRIOS SOBRE A CORRIDA PELO 5G NO PERÍODO TRUMP (2017-2020)

Resumo:

As eleições americanas de 2016 foram marcadas pela polarização, e desta vez maior, do histórico bipartidarismo estado-unidense. Donald Trump, uma figura reconhecida nos meios de entretenimento e negócios, entra na disputa e, com sua retórica, busca resgatar a ideologia de fazer a América grande novamente. Dessa forma, vence a eleição e assume a presidência da maior superpotência do mundo. Agora, em uma mesa de negócios diferente, Trump tem de sentar com representantes e chefes de estado como Xi Jinping da China. Em 2018, os EUA impuseram tarifas às importações chinesas, iniciando um conflito comercial que teve impacto em ambas as nações e reverberou para o âmbito mundial. As tarifas prejudicam a indústria agrícola americana e as ações de Trump fragilizam as relações comerciais e o avanço do mercado 5G. O estudo proposto examinará as tensões EUA-China no período determinado pela administração do governo americano por Trump.

Palavras Chaves:

Tarifas, Trump, Guerra, Hegemonia, 5G

Abstract:

The 2016 American elections were marked by division, exceeding the usual level in the context of historical bipartisanship. Donald Trump, a well-known figure in entertainment and business, enters the race and with his rhetoric of turning back the clock and making America great again, wins the electorate and assumes the presidency of the world's largest superpower. Now, in a different business setting, Trump must sit with representatives and Heads of State such as, China's Xi Jinping. In 2018, the US imposed tariffs on Chinese imports, initiating a trade conflict that impacted both nations and it rippled worldwide. The tariffs harm the American agricultural industry, and Trump's actions undermine commercial relations and the advancement of the 5G market. The proposed study will examine the US-China tensions during the specific period determined by the Trump administration.

Keywords:

Tariffs, Trump, War, Hegemony, 5G

INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos entraram em 2016 em um ciclo de polarização, o maior das últimas décadas, apesar do bipartidarismo, devido a discursos e ações tomadas pelo então chefe de Estado Donald Trump. Ao ser empossado, ele proferiu um discurso em que repetiu as palavras utilizadas também em toda sua campanha: “Juntos, tornaremos a América forte novamente. Faremos a América rica novamente. Vamos deixar a América orgulhosa novamente. Faremos a América segura novamente. E sim, juntos faremos a América grande novamente.” (BLAKE, 2017). Donald Trump ditou as suas falas a respeito das relações internacionais com tons divisíveis, afastando-se, assim, de alguns Estados. Essas abordagens que consistiam em separar e direcionar quem é o possível inimigo foi feita por meio da estratégia de criação de uma união interna para combater o aprofundamento da interdependência que, em um mundo globalizado, significa o fortalecimento do comércio a um nível em que se tornou praticamente obrigatório, inevitável.

Segundo o entendimento da política do governo Trump, esta interdependência, em que os Estados dependem uns dos outros de maneira que bens extremamente relevantes estão sendo importados, prejudicam a hegemonia dos Estados Unidos. Assim, atinge-se diretamente a população e os negócios privados e investimentos públicos. Trump defende um realismo ofensivo no sentido de buscar manter o *status quo* hegemônico. (MEARSHEIMER, 2001).

Apesar de, em vários momentos estarem em lados diferentes das discussões diplomáticas, os Estados e a China mantêm uma relação comercial duradoura e com um alto nível de interdependência. Isso após a entrada comercial da China no mercado mundial em 1978, com Deng Xiaoping, e com a criação de mecanismos que protegem o regime Chinês e ainda garantem uma transferência de conhecimento e tecnologia. Para Waltz, a interdependência é vista como um ponto fraco, e as unidades têm que buscar a independência. Em artigo intitulado “*Structural Realism after the Cold War*”, Waltz ressalta que a interdependência quase se transforma em uma integração. “A interdependência torna-se integração porque internamente a expectativa de que a paz prevaleça e a ordem seja preservada é alta. Externamente, bens e capitais fluem livremente onde a paz entre os países parece ser estabelecida de forma confiável. (Waltz, 2000). Essas mudanças com abertura garantiram o progresso para as empresas chinesas e para nação como um todo.

Em uma investida de aproximação diplomática, Trump recebeu o Presidente Chinês Xi Jinping na Flórida em 2017. Nessa visita, foram celebrados acordos focados em setores agropecuários, satisfazendo, assim, forte parte da base eleitoral de Trump. Nesses acordos iniciados, a China precisou fazer poucas concessões. Tal acontecimento foi visto como uma base para maiores e melhores acordos e, para o Secretário do Comércio Wilbur Ross, como um ponto alto nas relações sino-americanas, especialmente no âmbito do comércio (PALETTA, 2017).

Porém, em março de 2018, houve uma escalada no sentido contrário, sendo um momento marcante na retórica de *America First* (América Primeiro), fazendo uso de tarifas sobre importações para conseguir atingir os ganhos chineses sob o mercado americano. O uso de tais taxas, em primeiro momento, atingiam a todos os importados dos setores, mas era claramente um foco em produtos de grande valia para as exportações chinesas, dando início ao que foi conhecido como a guerra tarifária entre os dois países. (MULLEN, 2021)

As tensões seguiram escalando em 2018, criando aumentos, estes sendo retaliados pelo governo chinês, e essa troca de taxaões influenciou toda a balança comercial, assim como atingiu os parceiros comerciais tanto importadores quanto exportadores dos dois países. Entretanto, atingiu prioritariamente os americanos. O agronegócio americano perde a estabilidade nas suas vendas, com a China tendo aumento nas taxas, gerando incerteza comercial. Outro aspecto em que as relações chinesas influenciam o agronegócio americano é por meio da exportação de tecnologia como aparelhos de telecomunicação, tanto para o campo como para se ter sinal nas áreas mais remotas. As ações do governo Trump em agir em confronto com a China extrapolam em efeitos colaterais, gerando uma situação de pânico no setor agropecuário americano. (MULLEN, 2021)

Em 2019 já era possível perceber os impactos da guerra tarifária no crescimento econômico global, o FMI relatou uma queda de 0,2% do PIB mundial (LAWDER, 2019). Ainda que os percentuais fossem tímidos, tais impactos beneficiaram alguns países que passaram a suprir a demanda resultante da falta de troca entre Estados Unidos e China. Um exemplo que pode ser citado foi o do impacto no agronegócio brasileiro, o qual prosperou e passou a ser prioritário no mercado de compra de milho, soja e carne bovina, em detrimento dos fazendeiros americanos. Apesar desse fato ser visto como algo positivo em um curto tempo, é algo totalmente inimaginável suprir toda a demanda chinesa, tendo em vista a capacidade de produção e a necessidade de abastecer o mercado interno. (CERUTTI; GOPINATH; MOHOMMAD, 2019)

As medidas de Trump nas suas relações com a China atingiram fortemente o poderio americano no seu diálogo. Ademais, outras atitudes negativas foram tomadas em outras áreas das relações internacionais, como a saída do Acordo de Paris, vista com maus olhos pelo mercado. Esse enfraquecimento do diálogo fez com que, apesar das perdas com tarifas, a China não tivesse mudado sua dinâmica comercial fortemente, alvo de forte crítica do governo americano (PESEK, 2021).

Enquanto o governo tentava recuperar setores em decadência e Trump prometia voltar aos momentos passados de glória e fazer assim a América grande novamente, a China impulsionava setores em desenvolvimento que estão em evidência para um mundo cada vez mais globalizado. O rápido desenvolvimento do setor das telecomunicações, com uma tecnologia cada vez mais competitiva, cujo maior exemplo é o 5G, deixava o país pronto para uma nova realidade. Xangai, que lidera os testes comerciais de 5G, estabeleceu altos padrões para alcançar a cobertura total de 5G. A cidade planejava instalar impressionantes 20.000 estações base 5G até o ano de 2020, gastando um total de RMB 20 bilhões (US\$ 2,9 bilhões seguindo a cotação do mês de março de 2020) no projeto. Projeto esse em que a China já tem planejado até 2025, com quatro empresas licenciadas para operar a tecnologia. (ZHANG, 2019)

As ações do governo Trump em agir em confronto com a China extrapolam em efeitos colaterais, gerando uma situação de pânico no setor agropecuário americano. As tensões provocadas pela má coordenação da gestão Trump causaram essa escalada de tarifas e situações de conflitos de interesses entre os Estados. Este trabalho pretende delinear situações geradas pelo conflito entre essas duas potências, bem como analisar as tensões que desestabilizaram a relação entre ambas. Nesse sentido, a pesquisa será feita de forma explicativa, buscando-se relacionar as ações tomadas pelo Estado Chinês e pelo Estado Americano com as consequências enfrentadas pelo mercado do 5G.

1. RETOMADA PÓS 1979 DAS RELACOES SINO-AMERICANAS E A ESTRUTURA CHINESA.

No fim da década de 1970, após a morte de Mao Tse-Tung, a China tomou outros rumos com a abertura comercial, ao criar uma economia de mercado socialista feita em moldes de reforma. Esse conceito foi introduzido por Deng Xiaoping, que foi o primeiro secretário geral da China a visitar os Estados Unidos em janeiro de 1979, indo até a Casa Branca, sede do governo americano, e sendo recebido pelo então Presidente Jimmy Carter. Essa foi primeira visita de um representante do alto escalão chinês desde a esposa do líder Chiang Kai-shek em 1943. A visita tinha alguns interesses, um deles era a busca de capital estrangeiro e essa abertura deu início a uma série de trocas que continuaram até o fim dos 1980 (SABA, 1979).

Houve uma modernização do entendimento da importância do mercado, saindo de moldes socialistas maoístas para a criação de algo novo, mas sem romper com o centralismo do PCC e conceitos de sociedade. Essa transformação gerou mais empregos e um êxodo rural planejado. As reformas foram feitas em setores como agricultura, ciência e tecnologia, militar e comercial. Tendo objetivos coletivos, foi possível fazer com que a pobreza rural na China caísse de 97,5% para 1,7% e, em novembro de 2020, foi superada em parâmetros mais rigorosos que os do Banco Mundial (PLY, 2020). Tal sucesso demonstrou que os objetivos de chineses que eram postulados desde 1949 eram atingíveis, como melhorar o bem-estar da população por meios econômicos (KOBAYASHI, 1999)

A abertura econômica foi a virada de chave da China. A ajuda dos Estados Unidos para, também, conter a influência da então União Soviética sobre a China. Essa relação seguiu e se normalizou até o início dos 1980, momento em que os Estados Unidos começaram a vender armas para a República da China, nome autodeclarado para a ilha de Taiwan. Reagan, o presidente americano no período, retoma as relações com Taiwan, tendo como promessa de campanha aumentar a capacidade militar da ilha. Inicia-se um novo período de instabilidade entre as relações da China Continental e os Estados Unidos, levando este último a ficar em uma situação delicada entre manter as vendas de armas e aeronaves para Taiwan ou manter as relações com a China. Assim, iniciaram-se rodadas e mais rodadas de negociações que culminaram em a China tendo que aceitar a venda de armas americanas para Taiwan, embora a quantidade fosse sempre diminuindo. (FREEMAN, JR., 2019)

Relações essas que continuaram em questionamento até 1989 com o incidente do massacre da Praça da Paz Celestial, que foi a supressão do governo da República Popular da China contra as manifestações pacíficas ocorridas em Pequim, por meio do uso da força militar chinesa. O referido conflito resultou na perda trágica de vidas civis em grande escala, o governo chinês buscou ocultar esse evento da história do país, transformando em algo que não pode sequer ser buscado nas redes (HENRIQUES, 2004). O ocorrido trincou as relações internacionais chinesas em todo o mundo, fazendo com que o ocidente interrompesse relações militares e reduzisse os investimentos turísticos e financeiros, além de impor embargos e sanções. (HARDING, 1990)

Entretanto, apesar das dificuldades, a China se reergueu e conseguiu a manutenção do PCC, crendo que sua importância estratégica e econômica, combinada com a restauração contínua da estabilidade interna, obrigaria as nações estrangeiras a restabelecer laços diplomáticos. E tal aposta se mostrou historicamente correta, mas para essa retomada ocorrer se fez necessário tomar medidas para amenizar ânimos internos e como era visto o país em âmbito internacional. (HARDING, 1990)

Com a economia de mercado socialista, a China consegue controlar o tempo de crescimento e injeção na indústria e principalmente sobre as estatais e, em um país como a China, deve-se ter uma capilaridade do governo que facilite esse controle. O fato de ser o detentor dos grandes meios de produção assegurou ao governo que iria reaver os créditos cedidos, de modo que, quando o crescimento já estava atingindo níveis inflacionários para o mercado interno, o governo precisou agir novamente para ajustar.

Uma instituição que cumpre essa função é a Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais (SASAC, sigla em inglês), que consiste na agência governamental, com nível de ministério. A SASAC foi estabelecida em 2008 na 11ª Reunião do Conselho de Estado, em meio à crise financeira mundial e juntamente com um grande projeto de estímulo elaborado pelo governo. O incentivo veio em um pacote com programas de investimento, políticas monetárias que acomodassem a situação, cortes de impostos, e medidas, como a SASAC, para diminuir os impactos para empresas estatais. O investimento de 586.68 bilhões de dólares foi feito a pedido do Premier Wen Jiabao (WONG, 2011). O Governo tem mais de 79 empresas no seu portfólio, além das províncias que também respondem ao governo central e aproximadamente 60% do capital negociado no mercado chinês vem das estatais (HISSEY, 2019).

A SASAC supervisiona e administra os ativos estatais das empresas sob a supervisão do Governo Central (excluindo empresas financeiras) e aprimora a gestão dos ativos estatais para a preservação e valorização do patrimônio do Estado por meio de auditoria. Sendo também responsável, a SASAC por gerenciar os salários e regular a distribuição de renda dos altos executivos das empresas supervisionadas e organizar a implementação das políticas. Portanto, trata-se de uma divisão subordinada ao Conselho de Estado do PCC (STATE COUNCIL, 2008).

2. MADE IN CHINA. E O DÉFICIT DA BALANÇA COMERCIAL DOS ESTADOS UNIDOS

Uma frase escrita em relevo *Made in China* em vários bens e produtos de todos os tipos virou algo comum em várias partes do mundo. Produtos de origem ou de fabricação chinesa são o reflexo de um país imerso no mundo globalizado. Esse fenômeno de industrialização da China e sua imersão para se estabelecer como uma grande potência foi incentivado, a *priori*, mas é, em certo nível, motivo para o confronto direto e disputa hegemônica com os Estados Unidos. Para a contextualização do desenvolvimento da China deve-se entender a origem do seu crescimento econômico com aberturas ao mercado e como o Estado Chinês, representado pelo Partido Comunista Chinês (PCC), moldou-se para estabelecer a sociedade socialista em meio a um momento disruptivo.

Em 2009, ainda em plena recessão mundial, a China ultrapassou a Alemanha como o maior exportador de bens do mundo (THE ASSOCIATED PRESS, 2010). Em 2010 transformou-se na segunda maior economia do mundo, ultrapassando o Japão e ficando em rota para alcançar os Estados Unidos (WANG; WHEATLEY, 2010). Logo, tornou-se aparente que a China, por ter agido de forma rápida e agressiva para impedir que a recessão global de 2008 atingisse sua balança comercial, foi um dos países que superaram mais rapidamente a recessão e, por isso, se reposicionou em um *status* não só de potência emergente. Até para George Soros, financista americano, toda a ação chinesa demonstrou a capacidade de se moldar e agir pelos seus próprios interesses: “Hoje a China tem não apenas uma economia mais vigorosa, mas na verdade um governo que funciona melhor do que os Estados Unidos” (KEATING, 2010).

Por esse controle, os governantes chineses entendem que não precisam mais de capital estrangeiro sem antes ponderar se nesse setor há a necessidade. O experimento das ZEEs trouxe para a China a transferência de conhecimento para que conseguissem, em devido tempo, dominar e aprimorar as tecnologias, podendo decidir onde, como e qual o percentual de capital estrangeiro precisa entrar no país. Os outros países necessitam ter uma boa relação com a China para o comércio, tendo em vista o mercado interno enorme que o país asiático tem. Então, essa mudança em governança global não precisaria acontecer completamente uma vez que ela entrou no jogo do capitalismo, porém, com o Estado inteiro como uma grande empresa respondendo a toda capilaridade do seu partido único, o PCC.

Assim, é de vasta importância compreender as nuances de como o mercado chinês tomou essa proporção para se tornar problema para os hegemônicos, tornando-se mais evidente com o passar dos anos na medida em que a balança comercial dos dois países veio se tornando cada vez mais deficitária para os americanos, chegando em 2018, na metade do governo Trump, a atingir o impressionante montante de 419,162 milhões de dólares. O modelo Chinês, de mercado, garante um aparato governamental para que o baixo custo, nas mercadorias, não implique especificamente em baixa remuneração e conseqüentemente, baixa qualidade de vida. Além do fato que o consumidor americano quer mercadorias com alto valor empregado e para isso se consegue agregar mais valor, e assim precisam dos *Made in China*.

3. ESCALADA DA GUERRA TARIFÁRIA

O presente artigo tem delimitação no período do Governo Trump, tendo em vista que nos últimos anos foram o momento de maior atrito entre dois países com hegemonia e poderio bélico. E alternativas para o confronto foram encontradas em taxações e bloqueios comerciais, além da previsão de ações e reverberações para com o mercado mundial. Mas é resultado de anos de um projeto de nação, forte industrialização e mudança de um mercado importador para um exportador, atrelado à flutuação do valor comercial dos Renminbi, moeda nacional chinesa (LIU, 2018).

A ascensão de Donald Trump ao poder dos Estados Unidos ocorreu em meio a uma campanha de tentar fazer a América grande novamente (Make America Great Again) e com esse discurso ele se elegeu em 2016. Com sua posse em Janeiro de 2017, Trump firma o discurso de

enfrentamento contra o estrangeiro, e no caso a China, que para ele era um dos grandes motivos dos americanos terem diminuído suas indústrias causando desemprego. O Trump ressaltou antes em um discurso nas eleições em um debate contra a candidata Hillary Clinton: “porque estão usando nosso país como cofrinho para reconstruir a China, e muitos outros países estão fazendo a mesma coisa. Então estamos perdendo nossos bons empregos, muitos deles.” (BLAKE, 2016).

A solução encontrada, pelo governo americano a partir de 2018, para o embate com o rival foi uma guerra tarifária. Tentativa de diminuir o grande déficit na balança comercial com a China. Em 2015 e 2016, anos que antecedem a administração Trump, o déficit estava em 367 e 354 bilhões de dólares, respectivamente (US BIS, 2020). Iniciando em Janeiro de 2018 assim a sequência de tarifas impostas pela Administração Trump. Algumas delas não direcionadas estritamente para a China, como a primeira que foi imposta sob produtos em geral como painéis solares e máquinas de lavar, mas atingindo diretamente a China por ter 8% dessas importações originárias de produtos chineses. Apesar de parecer algo muito específico e inexpressivo, o mesmo produto em 2015 tinha gerado mais de 1 bilhão de dólares. (SCHLESINGER; AILWORTH, 2018).

Em Março de 2018 as imposições tarifárias tornam-se mais expressivas, avançando para o mercado de aço e alumínio em âmbito mundial. Com a intenção de ajudar empresas nacionais. Foi visto por economistas como um erro, e ainda como primeiro grande erro da sua campanha. Ainda em março de 2018 Trump faz sua primeira tarifa direcionada à China e em seu discurso afirma que:

O Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR) determinou que a China se envolveu repetidamente em práticas para obter injustamente a propriedade intelectual da América. As práticas detalhadas na investigação do USTR causaram preocupação em todo o mundo. As práticas comerciais ilícitas da China – ignoradas por anos por Washington – destruíram milhares de fábricas americanas e milhões de empregos americanos. (PRESIDENT DONALD J. TRUMP, 2018)

Assim, o ex-presidente dos E.U.A acusou a China de práticas desleais durante os anos e roubo de propriedade intelectual americana, extrapolando a questão para além de tarifas para proteção comercial, e passando a um questionamento ético do governo chinês.

Em Abril de 2019, já se tem uma devolutiva de tarifas agora pelo governo chinês sobre 128 produtos de origem americana incluindo o alumínio. O estresse comercial entre os Estados Unidos e a China afetou tanto os consumidores como muitos produtores nos dois países. A imposição de

tarifas interrompeu o comércio entre os EUA e a China, mas o déficit comercial bilateral permaneceu praticamente inalterado. (CERUTTI; GOPINATH; MOHOMMAD, 2019)

Em Maio de 2019, Xi Jinping discursou na Conferência de Diálogo de Civilizações Asiáticas, momento em que, refletindo sobre a guerra tarifária imposta pelos Estados Unidos, afirmou: “Tolice acreditar que a raça e a civilização de alguém são superiores às outras, e é desastroso remodelar intencionalmente ou mesmo substituir outras civilizações” (WESTCOTT, 2019). Liderando o Estado chinês, Xi Jinping não se afasta das grandes ocasiões e não refuta situações como essa guerra tarifária refutando a intenção de iniciar uma guerra comercial, mas também não a China não teme enfrentá-la (FENG; YANG; WOODHOUSE, 2018). Em Dezembro de 2019, houve um cenário de armistício em que os dois países anunciaram que não haveria outra rodada de imposição de tarifas.

Os EUA e China têm suas vontades dirigidas pelo sistema anárquico, onde suas atitudes causam e são causadas por influencias externas, causando a interdependência econômica. As políticas feitas pelos EUA políticas para diminuir o déficit na balança comercial com a China, durante a guerra comercial, surtiram efeito, mesmo que pequeno. Naquele período foi registrada pelo departamento de comércio americano uma diminuição no déficit comercial com a China. Em 2020, as exportações dos EUA para a China foram de \$124,6 bilhões de dólares, um aumento de 17,1% (\$18,2 bilhões de dólares) em relação a 2019; já as importações da China foram de US\$ 435,4 bilhões de dólares, significando uma queda de 3,6% (US\$ 16,2 bilhões de dólares); e o déficit comercial com a China era de \$ 310,8 bilhões de dólares, uma queda de 10,0% (US\$ 34,4 bilhões de dólares) (US BIS, 2020). A busca por diminuir esse déficit prova que a interdependência não garante a falta de conflito. Pode-se tentar preservar o bem estar com as trocas comerciais, que seriam benéficas para a China.

E com toda a escalada se chegou em um fator que realmente era algo importante para ambos os Estados, não que os outros setores de aço e bens não fossem. Mas o desenvolvimento tecnológico é algo muito importante para os dois Estados. Sendo a corrida pela tecnologia 5G a mais atual. Com este avanço será totalmente reestruturada para o 5G a infraestrutura atual de satélites e antenas para cobertura. O 5G que, ao contrário das gerações anteriores, será altamente integradora e capaz de fornecer cobertura móvel universal a quaisquer dispositivos que se adaptam a ele. Por causa disso, o 5G pode ser visto como um grande marco temporal, permitindo

transformações industriais por meio de serviços de banda larga sem fio com velocidade de gigabit, velocidade onde Gigas (100 megabytes) são transferidas em segundos. e suportando novos aplicativos para conectar objetos e dispositivos. Estima-se que, até 2025, a indústria móvel terá investido mais de US\$ 900 bilhões em redes, dos quais cerca de 80% serão dedicados ao 5G, e que metade de todas as conexões terá origem na China. Com isso, 1/5 da população global deve ter acesso a redes 5G até o final de 2022. (PRESTES, 2020)

Com a competência de empresas nacionais como Huawei e ZTE, a China pulou na frente da competição. Mas Trump se antecipou atacando a empresa, Huawei, e protegendo seu mercado interno. E também influenciando outros mercados como o britânico a não aceitarem a tecnologia da empresa chinesa. Novamente com alegações de segurança (HELM, 2020).

Em maio de 2019, os Estados Unidos colocaram a Huawei na "lista de entidades" mantida pelo Departamento de Comércio, proibindo fornecedores de fornecer à corporação produtos e tecnologia americanos. As vendas para a Huawei foram seletivamente permitidas ou rejeitadas, pois os EUA reforçaram sua aplicação e aumentaram seu poder de exigir licenças para vendas de chips produzidos no exterior usando tecnologia americana. Estima-se que 150 pedidos de licença, totalizando US\$ 120 bilhões, ainda estavam pendentes, enquanto outros US\$ 280 bilhões em pedidos não processados, certamente rejeitados, permaneceram. As licenças foram concedidas a fabricante Intel para que pudessem continuar fornecendo itens específicos para a Huawei. Uma regra dizia que itens capazes de suportar 5G seriam desqualificados, enquanto tecnologias menos avançadas seriam avaliadas caso a caso. Reuniões com representantes do Comércio, Estado, Defesa e Energia resultaram em decisões que negaram a maioria dos pedidos e foram revogados (ALPER, 2021).

Todos esses embates durante 4 anos de governo Trump culminaram em uma nova rodada de negociações com representantes chineses em 2019. Liu He, Vice Presidente da China, e consultor do Xi Jinping em Economia assina o início da Phase One, ou fase um, de um plano que antecipou a *Phase One Deal*, assinada em janeiro de 2020. Dividido em 6 capítulos, o acordo tem dimensões longas e propositivas para iniciar a quebra das barreiras e estabelecer novos limites para áreas como propriedade intelectual, transferência de tecnologia, compra de bens, alimentos e produtos agrícolas. Ademais, ele também exige mais transparência em operações financeiras,

taxas e no planejamento da expansão das trocas entre os dois Estados. (OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE, 2020)

As tarifas sobre as exportações de cada um cresceram dramaticamente entre os EUA e a China. Os EUA aumentaram seus impostos de importação da China de 3,1% em 2017 para 21%, com aumentos potenciais para 26,6%. Da mesma forma, as tarifas chinesas sobre as exportações americanas subiram de 8% para 21,8%, podendo chegar a 25,9%. Devido a isso, as exportações dos EUA para a China caíram cerca de 7% em 2018 e, em seguida, 19% no primeiro trimestre de 2019. Ao contrário, o carregamento antecipado fez com que as exportações chinesas para os EUA aumentassem 7% em 2018, mas caíssem quase 13% no primeiro trimestre de 2019. As principais justificativas avançadas no debate político nos EUA para a imposição de tarifas mais altas sobre as importações da China incluem a necessidade de corrigir os desequilíbrios comerciais, estabelecer acordos tarifários mais recíprocos e restaurar empregos industriais. As tarifas também tentam lidar com os efeitos desfavoráveis das políticas chinesas, como a fraca proteção à propriedade intelectual, subsídios a empresas estatais e transferência forçada de tecnologia. As três primeiras justificativas, na opinião da maioria dos economistas, não justificam economicamente as medidas tarifárias. (BEKKERS; SCHROETER, 2020)

4. REALISMO OFENSIVO x REALISMO DEFENSIVO

A análise de países de forças e dimensões continentais como Estados Unidos e China trás para a cena a necessidade de compreender como atores dos Estados pensam e como essas ações se desdobram. Esse embasamento histórico do funcionamento interno chinês traz para a discussão algo além de simples ações mercantilistas para proteger o mercado interno, mas sim o resultado de décadas de desenvolvimento e renúncias de retornos imediatos para a colocação da indústria e tecnologia chinesa em outro patamar.

Conhecido como um dos pioneiros da corrente do realismo estrutural, Kenneth Waltz, é também visto como um realista científico por apoiar o 'ressurgimento' da corrente realista como um pensamento atualizado e científico. As suas principais obras que norteiam os seus pensamentos são: O Homem, o Estado e a Guerra, *The Man the State and the Causes of War* 1959 e Teoria da Política Internacional, *Theory of International Politics* de 1979. No seu primeiro trabalho ele

analisa a estrutura sem propor um conceito. Tendo seu trabalho dividido em 3 partes: A natureza humana, os Estados, e a anarquia internacional, ele busca esmiuçar as causas das guerras, sendo as de curto prazo e imediato as duas primeiras, a natureza humana e os Estados. E a anarquia internacional seria a causa, a permissão de ocorrer uma guerra. Ademais, ele percebe o sistema internacional como um elemento de constrangimento para que os Estados não hajam para causar conflitos.

Internamente em cada Estado a organização é feita de forma hierárquica, com atribuições colocadas em grupos e em indivíduos. Já no âmbito internacional, encontramos os Estados como unidades, com atribuições e responsabilidades são iguais, mas que não condiz exatamente com a realidade. Isso sem um ente para suportar as relações de forma subordinada é só possível encontrar uma anarquia. Para Waltz, a interdependência é vista como um ponto fraco, e que as unidades têm que buscar a independência. Em um artigo o Waltz ressalta que a interdependência quase se transforma em uma integração. “A interdependência torna-se integração porque internamente a expectativa de que a paz prevaleça e a ordem seja preservada é alta. Externamente, bens e capitais fluem livremente onde a paz entre os países parece ser estabelecida de forma confiável” (WALTZ, 2000).

A anarquia é um sistema que se perpetua até que haja uma mudança severa nas relações internacionais. Desse modo, Waltz reconhece que há caminhamos para um mundo multipolar, saindo da hegemonia estadunidense, mas ele alerta que devido ao aumento da incerteza em torno das capacidades relativas dos estados e ao crescente número de participantes, a competição em sistemas multipolares é mais complexa do que em sistemas bipolares (Waltz, 2000). As variáveis de interesse e capacidade de cada unidade traz incerteza e a necessidade ainda maior de preservar a sua sobrevivência. De certa forma, é pensado pelos americanos que a balança de poder não deverá se mexer. Mas historicamente é factual que ela sempre balança pra algum lado, e tende a se ter conflitos em busca da hegemonia ou a derrocada da mesma.

Compreender a anarquia internacional visualizada por Waltz e os realistas é importante para se entender a complexidade das relações entre Estados Unidos e China. Como um realista defensivo, Waltz presa pela contenção das variáveis. Desse modo, as vontades dos atores, no caso, Waltz também vê a sobrevivência como necessidade para alcançar outros anseios de um Estado. Por exemplo, a motivação dos atores da sobrevivência é tomada como fundamento da ação em um mundo onde a segurança dos Estados não é garantida, uma descrição realista do impulso que está

por trás de cada ato do Estado. A suposição permite perceber que nenhum estado sempre age exclusivamente para garantir sua sobrevivência (WALTZ, 1979). Desta maneira, entende-se que a expansão comercial da China não ocorreu apenas para sobrevivência. O aumento de poderio econômico chinês trouxe bem-estar não só para as grandes cidades, mas também para a parcela camponesa da população chinesa que sempre foi grande. A acumulação de bens por todo o Estado gerou competitividade em relação ao mercado global.

Contemporâneo e crítico de Kenneth Waltz, John Mearsheimer é um dos pensadores atuais mais renomados no campo das relações internacionais. Trazendo um realismo ofensivo, em oposição do realismo defensivo ou estrutural de Waltz. Ele tem 5 (cinco) pressupostos básicos: a anarquia do sistema internacional; a herança de capacidades militares dos hegemônicos; a incerteza das intenções dos outros estados; a sobrevivência básica; manutenção do estado territorial e, por fim, a racionalidade dos Estados (MEARSHEIMER, 2001).

É comum os realistas medirem as forças de um Estado focando em suas capacidades e avanços de capacidades militares, juntamente com o gasto. Os Estados Unidos estão presentes em diversas questões militares mundiais, o que sempre gera mais gastos e aumento do seu poderio militar. Devido ao complexo militar industrial (*Military-Industrial Complex*) que se foi formando internamente nos Estados Unidos, como rede de interesses entre membros do governo e empresas nacionais para promover envolvimento do Estado em conflitos para retroalimentar o fluxo de gastos do governo e receitas de empresas de equipamentos militares (WEBER, 2019).

Nos últimos anos a China cresceu em vários segmentos, não esquecendo o militar. Foi uma das metas do Xi Jinping melhorar militarmente a China com o objetivo de que ela se tornasse mais eficiente e avançada tecnologicamente para se transformar numa força de primeira linha dentro de trinta anos (MAIZLAND, 2020). Nesse sentido, Mearsheimer coloca que “novas forças emergentes trazem novas capacidades militares e novas incertezas sobre suas intenções num sistema internacional.” (MEARSHEIMER, 2006) Todavia, segundo o mesmo pensador, não será uma ascensão pacífica, e sim caótica.

A desconfiança para com os outros estados já opõe a premissa de uma interdependência como algo que não se pode deixar integrar. Mearsheimer se debruça especificamente sobre as relações sino-americanas, tendo em vista que a China tem como prioridades: economia e segurança, seguindo a premissa de “medo, auto-ajuda, e maximizar poder” (MEARSHEIMER, 2001).

Mas vinte anos na frente ele faz uma análise mais profunda, momento em que ele não explica sua teoria, mas refuta ações do passado e analisa a causa e efeito da ascensão chinesa vendo nos altos números populacionais e também nas reformas econômicas a chave para mudança no país. Mas ele percebia como óbvia a necessidade dos Estados Unidos atrapalharem esses esforços; no entanto, foi feito o oposto. “O fim do chamado momento unipolar. Hoje, a China e os Estados Unidos estão presos no que só pode ser chamado de uma nova guerra fria” (MEARSHEIMER, 2021).

Os dois autores estudados veem de forma pragmática o cenário global, com uma estrutura anárquica. Mas deve-se atentar para as diferenças de modo a entender quando se pode aplicar a visão de hegemonia trazida por Mearsheimer e quando as unidades se comportam para a sobrevivência por Waltz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manutenção da hegemonia sempre foi algo que o Estado detentor do poder, no caso os Estados Unidos da América, precisa almejar para conseguir manter e perpetuar sua influência e dominância o máximo possível. Os Estados Unidos, sendo o país que é sinônimo de liberdades e do livre mercado sendo colocado em situação de despreparo, que pode ameaçar o seu *status quo*. Em quatro anos de governo, fica claro que, independente, mas também inclusive por causa do Trump, o Estado Americano precisava reagir. A tentativa de desacelerar os avanços chineses se mostraram medidas paliativas.

A manutenção de um mundo unipolar, em que um único estado se estabelece como hegemônico, exige uma constante manutenção. Os Estados Unidos miraram na China para ter mais mercado e influência, mas a fortaleceram e ajudaram a estabelecer um futuro concorrente. E assim como Mearsheimer considera que a atual relação entre a China e os Estados Unidos pode ser considerada como uma nova guerra fria, caracterizada por uma forte competição de segurança que afeta todas as áreas de seu envolvimento. Em comparação com a Guerra Fria anterior, esse conflito representa um desafio maior para os formuladores de políticas dos EUA, já que a China é considerada um adversário mais poderoso do que a União Soviética em seu auge. Além disso, para Mearsheimer, é provável que a intensidade dessa guerra fria aumente. (MEARSHEIMER, 2021)

Apesar da abertura comercial e da entrada de capital estrangeiro, a grande distinção do modelo chinês é a clara e absoluta interferência do Estado em vários setores. Desse modo, o país se esforça para ser competitivo, tendo dois sistemas econômicos sendo administrados por um mesmo sistema político.

A questão da guerra tarifária trás com ela, obviamente, incerteza. Essa incerteza causada pela imprevisibilidade de como será a próxima retaliação de cada ação, seja de aumento ou diminuição. Pelo menos dois canais independentes – a decisão de começar a exportar e o impacto geral sobre o investimento – são afetados pela incerteza comercial (BEKKERS; SCHROETER, 2020).

O comprometimento dos dois países em fazer o que foi chamado de *Phase One* que foi assinado mostra a importância das relações entre os dois países. Não é de interesse de nenhuma das partes se direcionar para um conflito no momento. A relação sempre será de constante checagem para se entender onde se está tendo vantagens ou não.

As reações e atitudes do Donald Trump, muitas vezes fora da normalidade, tiveram papel principal em todo o conflito. Apesar de a incerteza do seu comando ser algo que atrapalhava as negociações e o aprofundamento das trocas comerciais, que sempre foi de interesse da China, Trump era visto como um acelerador para o declínio da América (DOSHI, 2020).

Ao contrário dos Estados Unidos, a China está se desenvolvendo rapidamente devido à sua visão estratégica e previsibilidade. Isso se deve ao seu bem-sucedido sistema econômico e modelo político, bem como ao seu impressionante crescimento social e de infraestrutura nos últimos anos. O desenvolvimento da tecnologia 5G tem o potencial de revolucionar a execução de trabalhos distantes com latência mínima e, ao mesmo tempo, facilitar a comunicação. A tecnologia tem o potencial de alterar completamente o cenário mundial e acelerar ainda mais o desenvolvimento econômico da China.

É evidente na atual situação geopolítica que a China está desafiando a hegemonia americana. A China colhe o fruto do planejamento, de se ter um governo que segue o cenário colocado como expectativa para o Estado e assim sofre menos por mudanças administrativas em diferentes vieses políticos que uma democracia no modelo americano sofre. Embora uma batalha entre esses poderes possa ser iminente, se torna evidente com o período selecionado da administração Trump, que apesar dos obstáculos significativos, o conflito se manteve equilibrado e sem casualidades, no sentido bélico. Mas com o aumento da influência da China se torna uma

possibilidade o uso de *proxy war*, modelo de conflito onde os estados usam conflitos periféricos para poder apoiar e assim ter o combate entre as partes mesmo sem seus nacionais ou territórios sediar o conflito (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2023). A China está se tornando mais poderosa, economicamente e também militarmente. E isso se transfere também em influência global, assim intensificando sua luta pelo domínio global. Desafiando o não só o governo Trump, mas sim todo os Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

ALPER, K. F., Alexandra. Exclusive: Trump admin slams China's Huawei, halting shipments from Intel, others - sources. **Reuters**, 18 jan. 2021.

BEKKERS, E.; SCHROETER, S. **AN ECONOMIC ANALYSIS OF THE US-CHINA TRADE CONFLICT**. [s.l: s.n.]. Acesso em: 13 jun. 2023.

BLAKE, A. Trump's full inauguration speech transcript, annotated. **The Washington Post**, 20 jan. 2017.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **proxy war**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/proxy-war>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CERUTTI, E.; GOPINATH, G.; MOHOMMAD, A. **O impacto das tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China**. Disponível em: <<https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2019/05/23/blog-the-impact-of-us-china-trade-tensions>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

DOSHI, R. **Beijing Believes Trump Is Accelerating American Decline**. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/10/12/china-trump-accelerating-american-decline/>>.

FREEMAN, JR., C. W. **The 1981-82 Sino-American Taiwan Arms Sales Negotiations | Middle East Policy Council**. Disponível em: <<https://mepc.org/speeches/1981-82-sino-american-taiwan-arms-sales-negotiations>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

FENG, E.; YANG, Y.; WOODHOUSE, A. China “not afraid” of trade war with Trump. **Financial Times**, 6 abr. 2018. Disponível em: < <https://www.ft.com/content/11416168-3948-11e8-8b98-2f31af407cc8>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

HARDING, H. **The Impact of Tiananmen on China’s Foreign Policy**. Disponível em: <https://www.nbr.org/publication/the-impact-of-tiananmen-on-chinas-foreign-policy/#_ftn1>. Acesso em: 10 jun. 2023.

HELM, T. Pressure from Trump led to 5G ban, Britain tells Huawei. **The Guardian**, 18 jul. 2020.

HENRIQUES, F. G. **Massacre da Praça Tiananmen foi há 15 anos**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2004/06/04/mundo/noticia/massacre-da-praca-tiananmen-foi-ha-15-anos-1195591>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

HISSEY, Ian. Investing in Chinese State-Owned Enterprises. **Fact Set**, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://insight.factset.com/investing-in-chinese-state-owned-enterprises>. Acesso em: 21 set. 2022.

KEATING, Joshua. Soros: China has better functioning government than U.S. **Foreign Policy**, [S. l.], p. If - Beijing, 10 nov. 2010. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2010/11/16/soros-china-has-better-functioning-government-than-u-s/>. Acesso em: 21 set. 2022.

KOBAYASHI, Shigeo; BAOBO, Jia; SANO, Junya. The "Three Reforms" in China: Progress and Outlook. **Sakura Institute of Research**, [S. l.], n. 45, set. 1999. Disponível em: <https://www.jri.co.jp/english/periodical/rim/1999/RIME199904threereforms/>. Acesso em: 21 set. 2022.

LAWDER, David. U.S.-China tariffs drag global growth to lowest in a decade: IMF. **Reuters**, [S. l.], 15 out. 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-imf-economy-outlook-idUSKBN1WU1TO>. Acesso em: 13 abr. 2021.

LIU, Tao. Understanding the U.S.-China Trade War. **China Economic Journal**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 319-340, 04 out. 2018.

MEARSHEIMER, John. A Tragédia da Política das Grandes Potências: Introdução. *In: A TRAGÉDIA da Política das Grandes Potências*. Tradução: Thiago Araújo. [S. l.: s. n.], 2001. cap. 1, p. 19-42.

MEARSHEIMER, John. The Inevitable Rivalry. *Foreign Affairs*, [S. l.], p. 1, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://leiaisso.net/x5maf/>. Acesso em: 4 dez. 2022.

MULLEN, A. **Timeline of the US-China trade war since July 2018**. Disponível em: <<https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3146489/us-china-trade-war-timeline-key-dates-and-events-july-2018>>.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE. **United States-China Phase One Agreement**. Disponível em: <<https://ustr.gov/phase-one>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PALETTA, Damian. Trump, China reach preliminary trade agreements on beef, poultry. *Washington Post*, [S. l.], p. 1, 12 maio 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2017/05/11/trump-china-reach-preliminary-trade-agreements-on-beef-poultry/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PALETTA, Damian; DENYER, Simon. Trump, China reach preliminary trade agreements on beef, poultry. **The Washington Post**, [S. l.], 12 maio 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2017/05/11/trump-china-reach-preliminary-trade-agreements-on-beef-poultry/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PESEK, William. China's Xi Jinping Is Really Going To Miss Donald Trump Despite Four Chaotic Years. **Forbes**, [S. l.], 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/williampesek/2021/01/18/chinas-xi-jinping-is-really-going-to-miss-donald-trump-despite-four-chaotic-years/?sh=e0c4447426e8>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PRESTES, E. G. **A geopolítica digital do 5G: elementos para compreender o desenvolvimento tecnológico chinês da quinta geração de telefonia móvel**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/geo/a/dRW7hLXpQzRKS3WfZYTgLrq/?lang=pt&format=pdf>>.

PYL, B. **China: êxito na retomada econômica e na luta contra a extrema pobreza**. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/china-exito-na-retomada-economica-e-na-luta-contra-a-extrema-pobreza/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

RASMUS, Jack. Trump's Deja Vu China Trade War. **World Review of Political Economy**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 346-363, 16 out. 2018. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.13169/worlrevipoliecon.9.3.0346#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 4 out. 2022.

SABA, P. **Deng's visit: new era of friendship**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20200828114730/https://www.marxists.org/history/erol/ncm-5/cpml-deng-visit.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

STATE COUNCIL. N 11 (2008). **State-owned Assets Supervision Administration Commission**

of the State Council: What We Do, [S. l.], 11 jun. 2008. Disponível em: http://en.sasac.gov.cn/2018/07/17/c_9258.htm. Acesso em: 21 set. 2022.

THE ASSOCIATED PRESS (Beijing). China Becomes World's No. 1 Exporter, Passing Germany. **The New York Times**, Beijing, p. China - 2008, 10 jan. 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/01/11/business/global/11chinatrade.html>. Acesso em: 21 set. 2022.

WALTZ, Kenneth N. "Structural Realism after the Cold War." **International Security**, vol. 25, no. 1, 2000, pp. 5–41. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/2626772>. Acessado 7 Dec. 2022.

WEBER, R. N. **Military-industrial complex**, 2019. (Nota técnica). Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/military-industrial-complex> Acesso em: 12 jun. 2023.

WU, Min; LIU, Chong; HUANG, Jiuli. The special economic zones and innovation: Evidence from China. **China Economic Quarterly**, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 319-330, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666933121000502>. Acesso em: 21 set. 2022.

ZHANG, Z. Y. **China's 5G Roll-Out: What Should Foreign Investors Expect**. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/chinas-5g-roll-out-foreign-investors-expect/#:~:text=As%20the%20first%205G%20commercial,unveiled%20plans%20for%205G%20construction.>>.